

O urubu e o sapateiro

OTTO LARA RESENDE

Aut pag

"Podemos definir o Brasil como a terra onde não se aproveitam as lições." Monteiro Lobato

O céu não está para colibri. Está mais para urubu — e para urubu daqueles que de tão malandros voam de costas, como dizia o Sérgio Porto, vulgo Stanislaw Ponte Preta. Em momentos nada estimulantes, o sábio Ponte Preta achava jeito de ufanar-se do Brasil. Ou de rir com a nossa desgraça. A certa altura, descobriu que estávamos exportando urubu para a Holanda. Pelo mofino superávit de nossa atual balança comercial, aí está um item que seria hoje motivo de júbilo nacional. Senão pelos dólares, ao menos pelo urubu.

Pois são cada vez mais escassas as razões de bom humor. O mundo político anda crispado e ansioso. Quanto ao povão, nem é bom falar. Ou sondar. Já não seria exagero aquela frase com que Francisco Negrão de Lima assumiu o Ministério da Justiça, em 1951: "A hora é densa e, sem hipérbole, terrível." Tantos anos depois, as hipérboles abandonam a retórica e se instalam sem cerimônia na realidade. O folclore político anda vasqueiro, ou tende para o dramático, com ameaça até de desforço físico.

A Constituinte que se reúne em Brasília não é a primeira de nossa história republicana. E talvez não seja a última. Há dias me pediram um depoimento sobre a Constituinte de 1946, que vi de perto como repórter. A escala dos problemas nacionais era outra, menos complexa. Mas não faltavam razões de apreensão e ansiedade. E havia até quem temesse pela sua sorte. Podia ser fechada de uma hora para outra. Felizmente não o foi e a 18 de Setembro estava promulgada a Constituição. Mais uma.

Brasília foi feita em parte para ficar a salvo da agitação. Pode ter caído no extremo oposto e, distante, no Planalto, talvez não lhe chegue às oíças por inteiro todo o clamor nacional. Mas onde quer que esteja a capital, não nos têm faltado constituintes e horas de transição. Quem sabe seria até o caso de exportar nosso know-how para países que não têm a mesma rica experiência de crises sucessivas e simultâneas. Crises políticas, crises econômicas, crises sociais. E uma penca de horas de transição. Um produto genuinamente nacional, como o urubu de Stanislaw Ponte Preta.

Por falar no Stanislaw, o "Jornal da Tarde", de São Paulo, publicou há dias um artigo de Alexandre Barros, sobre a emperrada e arrogan-

te máquina burocrática brasileira. Pelo que apurou o professor, a chamada Nova República não tocou num parafuso. A matéria começa invocando uma conhecida máxima: "Ou todos nos locupletamos, ou restaura-se a moralidade." A autoria é atribuída pelo professor ao Barão de Itararé. Ora, a glória do Barão não precisa que lhe seja acrescentado o que não lhe pertence. Suum cuique.

A máxima nasceu de uma história que não é do Barão, nem a rigor é do Stanislaw. Posso depor, porque sou testemunha ocular da história. Trata-se de uma anedota popular, que se tornou conhecida lá por 1946. Quem contou, num grupo de jornalistas, foi o Presidente Artur Bernardes. Bernardes foi Presidente de 1922 a 1926. Era o quadriênio, medida certa e bom módulo dos velhos tempos, na velhíssima República. Terminado o mandato, Bernardes não deixou a política. E assim chegou à Constituinte de 1946, eleito Deputado federal pelo PR de Minas.

Um presidente começa no município — dizia ele, que se iniciou na vida pública em Viçosa. Deve ter sido lá que ouviu a história que deu origem à máxima agora atribuída ao Barão de Itararé. E o Barão não é o único que passa por seu autor. Mas vamos à história. Será preciso dizer primeiro que o PR participava da coalizão partidária promovida pelo Governo Dutra. A certa altura, Bernardes, presidente do PR, sentiu-se logrado na repartição dos cargos e ameaçou romper o acordo.

Foi então que contou a anedota do sapateiro remendão, casado com uma mulher muito bonita. Um rico vizinho ofereceu um empréstimo ao sapateiro, que entrou a prosperar a olhos vistos, ainda que para isto fosse preciso fechar os olhos a certa evidência. Um belo dia, a mulher sumiu. O sapateiro procurou o sócio capitalista e pespegou-lhe a máxima que hoje corre mundo. A anedota ganhava relevo e graça na voz solene de Bernardes. No dia seguinte, a história estava nos jornais. Quem a divulgou primeiro foi Edgar da Mata Machado. Só anos depois Sérgio Porto usou-a numa crônica e mais de uma vez voltou ao mote: "Ou todos nos locupletamos, ou restaura-se a moralidade". Ao que parece, nenhuma das alternativas se pôs em prática. E já nem ao menos exportamos urubus.